

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de encerramento do Seminário “Brasil e Europa: Fronteiras do Futuro”

Bruxelas-Bélgica, 05 de julho de 2007

Quero cumprimentar os empresários italianos, os empresários europeus,
Quero cumprimentar os ministros que me acompanham nesta viagem,
Quero cumprimentar os parlamentares,
Os intelectuais,

Quero cumprimentar, também, todos os membros que fazem parte desse complexo chamado União Européia,

Meus amigos e minhas amigas,

Quero, inicialmente, agradecer aos organizadores deste importante seminário “Brasil e Europa: fronteiras do futuro”. É uma satisfação encerrar minha visita à União Européia participando deste diálogo entre governos, empresários e acadêmicos.

Quero, também, saudar meu amigo Massimo D’Alema, presidente honorário da Associação União Européia-Brasil, que sempre foi entusiasta da parceria estratégica que lançamos ontem em Lisboa.

A vontade de aproximar nossos países se beneficia de uma economia sólida no Brasil, que avança para realizar seu pleno potencial. Nosso País está colhendo os frutos de uma política econômica que anuncia um longo ciclo de crescimento sustentável. Temos hoje uma combinação virtuosa de crescimento, baixa taxa de inflação e forte incremento do comércio exterior, com a correspondente redução da vulnerabilidade externa.

O Brasil é hoje credor líquido no mercado internacional. Temos 150 bilhões de dólares de reservas, mesmo após saldarmos nossas dívidas com o FMI e com o Clube de Paris.

Paralelamente, o mercado interno se ampliou e há aumento do emprego. Aqui, quero dizer ao amigo D’Alema que neste primeiro semestre, nos primeiros cinco meses do ano, nós batemos recordes de geração de emprego

foram gerados 1 milhão de empregos com Carteira Profissional assinada, nos primeiros cinco meses do ano. Significa menos desempregados em sua Itália e mais investimentos da Itália no Brasil. A renda dos trabalhadores cresceu e houve significativa redução da pobreza e das desigualdades sociais.

Eu queria dizer a vocês que no Brasil nós aprendemos uma lição muito grande: não adianta um presidente da República viajar o mundo falando das suas desgraças, falando da sua pobreza, porque isso pode até gerar grandes aplausos, dependendo de qual público esteja assistindo, mas, certamente, gerará outros investimentos, porque a miséria não atrai investimento. O que atrai investimento é, na verdade, o crescimento, a distribuição de renda, a melhoria da educação e a responsabilidade e seriedade de quem está governando uma cidade, um estado ou um país.

E eu estou convencido de que o Brasil, que teve extraordinárias oportunidades no século XX, que muitas vezes jogou fora essas oportunidades, porque o sonho começava durante a campanha eleitoral e terminava depois das eleições. Nós descobrimos que o Brasil precisaria dar ao mundo uma demonstração de competência, de seriedade; uma demonstração ao mundo de que não era possível que a economia de outros países ficasse estável durante muito tempo e a nossa funcionasse como aqueles aparelhos que medem os batimentos cardíacos de um cidadão hipertenso. Ou seja, era preciso ter equilíbrio.

Hoje, nós quebramos algumas regras no Brasil. Durante o século passado inteiro, dizia-se no Brasil que não era possível crescer as exportações com o crescimento do mercado interno. Então, um matava o outro. No Brasil se dizia que não era possível crescer com inflação baixa. Qualquer demonstração de crescimento econômico significava um aumento da inflação. E nós estamos provando que é possível exportar e fortalecer o mercado interno, e que é possível crescer com a inflação controlada.

Isso me permite dizer que estamos vivendo senão o melhor momento porque, um tempo desses eu disse isso e foram pesquisar se o que eu dizia era verdade ou não, e foram procurar o presidente de 1902, para fazer comparação do tempo em que o Brasil só tinha café e nada mais, do tempo em que o Brasil ainda mandava lavar roupa em Paris, do grande ciclo da borracha no Brasil.

Pois bem, eu ousou dizer, meu caro amigo D'Alema, de que em toda a história da República brasileira, de 118 anos, não há nenhum momento econômico em que o Brasil ofereça tantos indicadores positivos como oferece agora. Poderíamos estar crescendo mais, dirão alguns. Mas, no momento em que o Brasil cresceu mais, a inflação não era de 3,7%, era de 23%, era de 40%, e chegou a 80% ao mês.

Esse momento econômico é que me permite vir à Europa e convidar aqueles que ainda não conhecem o Brasil a ir conhecer, aqueles que ainda não investiram no Brasil ou não construíram parcerias com empresários brasileiros que construam. Afinal de contas, parece que nós, Brasil e União Européia, estamos muito distantes um do outro, falamos línguas diferentes, mas desde 1500, os portugueses chegaram ao Brasil, os alemães chegaram em 1850, os italianos chegaram em 1875 – chegaram e ficaram todos – os japoneses chegaram em 1908, os espanhóis chegaram no começo do século XX. E nós esperamos que mais gente chegue ao nosso País. Os árabes, hoje, são 10 milhões – entre árabes e descendentes – que moram no Brasil e tem lá uma extraordinária comunidade judaica. Todos vivem em paz: lá não tem disputa, lá não tem guerra e lá não tem conflito. Os franceses não ficaram porque tentaram tomar o Brasil de Portugal e os holandeses também, não quiseram fazer acordo. Se tivesse a Rodada de Doha, poderíamos até (inaudível).

Bem, o que aconteceu é que essa mistura de europeus, africanos – os africanos chegaram, também, há trezentos anos mas não chegaram por vontade, chegaram por imposição do sistema que vigia naquele tempo – mas a mistura entre negros, índios e vários europeus que chegaram ao nosso País construiu esse povo que gosta de trabalhar, que gosta de samba, que gosta de carnaval, que gosta de jogar bola, mas que também, agora, aprendeu que o Brasil vai se transformar numa economia definitivamente desenvolvida e forte, porque é isso que o povo espera do nosso País.

O aumento dos negócios entre o Brasil e a Europa tem papel fundamental na consolidação deste novo ciclo de nossa economia. E este seminário é, certamente, palco privilegiado para a discussão das novas oportunidades de comércio e investimentos.

No meu segundo mandato, quero manter e ampliar as conquistas obtidas nos últimos anos. Mas quero, também, aproveitar todo o potencial de

crescimento do País em benefício de todo o povo brasileiro. Por isso, nós lançamos o PAC, que a Dilma já falou com vocês, e espero que ela tenha vendido bem essa idéia do PAC.

Mas eu queria – vou pular duas páginas, aqui, para não repetir coisas que certamente ela já falou – obviamente que 250 bilhões de dólares de investimentos para um país do tamanho do Brasil é pouco. Mas é importante lembrar que há duas décadas e meia não havia investimento em infraestrutura.

O que vocês assistem, na televisão brasileira, de criminalidade, de jovens praticando atos de delinqüência é o resultado de 30 anos de política em que a economia brasileira não crescia. Esses jovens têm 30 anos de idade, têm 28 anos de idade, 29 anos, portanto, eles são vítimas de modelos de desenvolvimento e de política econômica que preferiram privilegiar os ajustes fiscais, sem levar em conta que o maior ajuste que um país tem que fazer é com o seu próprio povo, é com a garantia da sobrevivência digna do ser humano, com alimento, com educação, com saúde e com emprego, coisa que durante muito tempo o nosso País não (inaudível).

O PAC – e aqui tem uns números importantes, que eu não sei se a Dilma especificou, se eu repetir, você faz um sinalzinho – mas são quase 3.500 quilômetros de ferrovias, são 4.700 quilômetros de gasoduto. Só a Petrobras terá o compromisso, até 2010, de investir o equivalente a 228 milhões de reais, o equivalente a 164 milhões de dólares. E isso tudo porque nós queremos recuperar o tempo perdido do não investimento em infra-estrutura. E se nós quisermos convencer vocês a fazerem investimentos no Brasil ou parcerias com empresas brasileiras, nós precisamos oferecer bons portos, boas estradas, boas ferrovias, bons profissionais com boa formação de escolaridade. Se não for assim, vocês poderão até ter gostado do PAC da Dilma, ou poderão ter gostado da minha palestra, mas vocês irão dizer: “Vamos investir em outro lugar que nos oferece mais condições”.

Nós sabemos definir o que é nossa responsabilidade. E, quando cumprimos a nossa responsabilidade, nós, então, sabemos pedir parceria, e convencer vocês, não com argumentos, mas com oportunidades de coisas concretas a serem praticadas no nosso País e no nosso continente.

Hoje, eu tive a oportunidade de inaugurar a Conferência Internacional de

Biocombustíveis. Aqui estou vendo gente da minha idade, gente talvez com um pouco mais de idade, mas muita gente nova. E eu quero dizer uma coisa, peço que vocês prestem atenção: não demorará 20 anos, o biocombustível se transformará numa matriz energética definitiva na área de combustível. Vamos ter resistências, vão ter aqueles que vão dizer: “Olha, os carros da Ferrari vão correr menos com biocombustíveis”. Outros vão dizer: “Vai diminuir a produção de alimentos”. Outro vai dizer: “Mas vai mexer na questão ambiental, porque vai mexer na Amazônia”. E, aqui, companheiro D’Alema, uma coisa importante: os portugueses introduziram a cana-de-açúcar no Brasil há quase 500 anos, e nunca chegaram perto da Amazônia, porque eles sabem que a Amazônia, pela sua situação climática, não permite o plantio de cana-de-açúcar.

Segundo, não haverá dúvida, nem antagonismo entre nós, se vamos plantar cana, oleaginosa ou comida. Até porque a colheita é a mais nobre da energia que nós precisamos para produzir a outra energia. Então, seria impensável que um país deixasse de plantar a comida do seu povo para garantir a segurança alimentar do seu povo, para produzir combustível.

Agora, o que me deixa extremamente feliz é que, com a cooperação da União Européia junto com a bem-sucedida experiência brasileira no campo (inaudível), nós poderemos avançar (inaudível).

Eu poderia perguntar, D’Alema, aos nossos queridos empresários, quantos países do mundo têm petróleo? Ou melhor, quantos países do mundo têm tecnologia para fazer prospecção de petróleo? Ou melhor, quantos países do mundo têm tecnologia para construir uma plataforma, que custa mais de 1 bilhão de dólares? Ou melhor, quantos países do mundo têm condições de fazer investimento? São poucos. E, hoje, apenas 20 países fornecem energia a 200 outros países.

Com o biodiesel e com os biocombustíveis, a possibilidade é de nós democratizarmos os fornecedores de biocombustíveis, pulando de 20 para 100 países que possam fornecer combustível para os bons carros italianos (inaudível). Aliás, uma vantagem para o Brasil: a Itália já aprovou o flex-fuel, o triflex e o quatriflex, ou seja, já tem carro a gasolina, carro a álcool, e a gás, tudo no mesmo carro, tudo no mesmo motor, em cima das mesmas quatro rodas. E eu sei que as pessoas vão resistir ainda, porque todo mundo tem medo de reforma, as pessoas só falam em reforma da Previdência, reforma

tributária, reforma trabalhista, mas as pessoas não falam em reforma na matriz energética, em reforma na questão do combustível. Nós estamos convencidos de que essa parceria União Européia e Brasil vai permitir que façamos experiências bem-sucedidas. Aliás, quero lembrar que em outubro vou à África lançar um programa de etanol em Angola.

Bem, nós estamos vivendo uma situação, porque o comércio do Brasil com a União Européia, em 2006, superou a casa dos 51 bilhões de dólares, o que representou mais de 22% do total do comércio brasileiro. Lógico que 52 bilhões de dólares parece muito, mas é pouco, pelo potencial econômico do Brasil e pelo potencial econômico da Itália.

Nós precisamos, no fundo, no fundo, é diversificar as nossas exportações – e isso vale para a União Européia e vale para o Brasil – para que a gente possa incluir produtos de maior valor agregado. Eu não estou, com isso, propondo um comércio de mão única, ou seja, em que só o Brasil tem que exportar, não. O Brasil tem que exportar, mas o Brasil também tem que importar a tecnologia que durante muito tempo vocês acumularam e que foi a razão pela qual vocês se transformaram em países desenvolvidos. Mas também é verdade que as importações brasileiras têm crescido, inclusive as importações da Europa, que cresceram 12% no ano passado.

As perspectivas promissoras que existem no Brasil para as empresas européias são maiores ainda, se considerarmos o processo de integração em curso no Mercosul e na União Sul-Americana de Nações. Estamos avançando em um processo ambicioso de integração física e energética.

O cronograma de construção de estradas, pontes e gasodutos vem exercendo forte efeito multiplicador sobre a economia. E ainda não fizemos a nossa primeira PPP, não conseguimos fazer. E queremos fazer, quem sabe, não sei se a Dilma falou na possibilidade de construirmos o famoso trem-bala que tanto queremos construir junto com (inaudível) ligando São Paulo ao Rio de Janeiro para que a gente possa chegar mais rápido a Copacabana e voltar mais rápido para o trabalho no dia seguinte.

Tem um pequeno problema. A Rodada de Doha não (inaudível) sucesso ainda. E eu quero dizer aos empresários italianos que eu tenho, no mínimo, 40 anos de experiência com negociações. Parece que eu sou novo mas, só parece. Eu aprendi a negociar em situação muito adversa e compreendo que a

Rodada de Doha está vivendo um momento de reflexão e de negociações.

Todos nós sabemos o que queremos. Todos nós sabemos que os Estados Unidos precisam reduzir os subsídios agrícolas internos, todos nós sabemos que a União Européia precisa flexibilizar o seu mercado agrícola para os países mais pobres, e todos nós sabemos que o G-20 precisa flexibilizar os produtos industriais e, também, o setor de serviços. Sabemos e temos números.

Por que parou a negociação? Porque, veja, não é possível. Os Estados Unidos, nos últimos 3 anos, investiram 15 bilhões em subsídios ao ano e, no último ano, 11 bilhões. No acordo, eles queriam colocar 17 bilhões. Ou seja, não quiseram nem colocar a média dos últimos 3 anos e, numa utopia, aumentar para 17. A União Européia – é um direito dela – não queria flexibilizar o tanto que nós queríamos no mercado agrícola, e nós, obviamente, que não queremos flexibilizar os produtos industriais, porque isso tem que ter uma compensação.

Eu digo sempre o seguinte: o bom acordo é aquele em que todos vão tomar a cerveja, depois, achando que ganharam. Todos têm que sair satisfeitos com o acordo. Ou seja, por que um homem e uma mulher casam? Porque os dois estão convencidos de que vai ser um sucesso o casamento, não é isso? Ou seja, acordo comercial também é assim: a União Européia tem que sair pensando que ganhou, o Brasil pensando que ganhou, o G-20 pensando que ganhou, os Estados Unidos pensando que ganharam. Se o resultado de tudo isso for os Estados Unidos não ganharem nada, o Brasil não ganhar nada e a União Européia não ganhar nada, mas os países mais pobres ganharem alguma coisa, já valeu a pena ter feito o acordo. Senão, vamos continuar discutindo entre nós o que fazer. Eu sou otimista, D'Alema. Estou mais otimista do que nunca, estou extremamente otimista. E vou trabalhar aqui, com meu amigo Celso Amorim, para que a gente possa fazer com que haja o acordo.

Volto para o Brasil extremamente satisfeito com a determinação e a criação da parceria estratégica com a União Européia. Eu realizei a Cimeira ontem, em Lisboa, que foi uma coisa extremamente importante. E eu quero dizer a vocês que nós continuaremos a acreditar que não existe nenhuma possibilidade de um país progredir se a gente não acreditar no fortalecimento das instituições democráticas, se nós não acreditarmos que um país só cresce

quando está em paz, interna e externa. E o Brasil está com toda a disposição de, junto com vocês, discutir não apenas os problemas nossos, mas discutir os problemas que possam interferir no fortalecimento do multilateralismo, no fortalecimento dos países que ainda não conseguiram chegar a um grau de desenvolvimento aceitável.

O Brasil tem compromissos, tem responsabilidades. Nós sabemos o que temos que fazer, que depende só de nós. Não adianta eu pedir para os italianos me ajudarem a investir na educação, não adianta eu pedir para os italianos me ajudarem a investir na segurança pública, não adianta eu pedir aos italiano que façam aquilo que é a nossa obrigação.

Portanto, nós iremos cumprir os nossos deveres, e espero que vocês continuem (inaudível). E olhe que o Brasil está tão próspero, que qualquer investidor italiano poderá desembarcar nos aeroportos brasileiros (inaudível), para fazer bons negócios, porque o que não falta são boas oportunidades.

Muito obrigado.